

MODELO DE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA INCLUSÃO DE COMUNIDADES NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO¹

Maria Giovanna Guedes Farias²

Aida Varela Varela³

Isa Maria Freire⁴

RESUMO

Trata-se de pesquisa em andamento no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, que tem como objetivo criar e implantar um modelo de mediação da informação para inclusão de comunidades na sociedade da informação. Para isso, propõe o desenvolvimento de trabalho direcionado para a implementação de ações de informação no campo de pesquisa, visando possibilitar intervenções na realidade social dos moradores da comunidade objeto de estudo. Descreve a metodologia de cunho qualitativo, com utilização da pesquisa participante e uso de instrumentos como roteiro de entrevista, formulário de prospecção e diário de campo para coleta de dados. Relata que a partir da experiência adquirida durante pesquisa de mestrado e por meio da observação participante, o modelo de mediação começa a ser delineado. Conclui-se que essa pesquisa pode incentivar os sujeitos a iniciarem um movimento de socialização e busca de consciência crítica no entendimento da sua realidade social, de valorização do seu vínculo de pertencimento da oportunidade de participação efetiva na sociedade da informação.

Palavras-chave: Mediação da informação – modelo. Ações de informação. Competências em informação. Inclusão social.

ABSTRACT

This is ongoing research in the PhD in the Postgraduate Program Graduate in Information Science from the Federal University of Bahia, which aims to create and deploy a mediation model information for inclusion of communities in the information society. It is proposed the development work directed to the implementation of actions in the field of information research, aiming to make possible interventions in the social reality of community residents object of study. Describes the methodology of a qualitative nature, using the participatory research and use of instruments such as interview script, form exploration and field diary data collection. Reports that from experience gained during research masters and through participant observation, the mediation model begins to take shape. We conclude that this research may encourage individuals to start a movement of socialization and pursuit of critical

¹ Pesquisa-tese em desenvolvimento no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. Projeto aprovado no Exame de Qualificação.

² Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. Bolsista Capes. E-mail: mgiovannaguedes@gmail.com

³ Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: varela@ufba.br

⁴ Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: isafreire@globob.com

awareness in the understanding of social reality, in appreciation of their bond of belonging of the opportunity to participate effectively in the information society.

Keywords: Mediation Information - model. Shares information. Information skills. Social inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Os efeitos da exclusão social nas populações socioeconomicamente carentes vão desde o não acesso ao mercado de trabalho, seja esse formal ou informal, assim como a falta de engajamento, de interação social com as pessoas que comungam o mesmo espaço, que também estão à margem, e principalmente os que não vivem na dependência de proteção social pública, que não experimentam está sob o jugo de políticas governamentais imediatistas. Conforme Dalla Zen (2010), a exclusão social se instalou dentro da sociedade de modo assustador transformando-se num global, intenso e progressivo processo de pauperização de grandes parcelas da população, desorganizando os tradicionais padrões de convívio social e o aumento sem limites das ações de violação dos direitos humanos mais fundamentais.

Dessa forma, a justificativa para realização dessa pesquisa é de prosseguir o trabalho na Comunidade Santa Clara (CSC), localizada na cidade de João Pessoa, no sentido de compreender o sentimento do que é ser excluído, do que é viver em uma comunidade, e também por sentir o cotidiano dos moradores, seus problemas e as dificuldades para superá-los. (FARIAS; FREIRE, 2011). Isso nos impulsiona a querer compartilhar os benefícios proporcionados pela ciência para quem necessita, proporcionando a possibilidade desses sujeitos caminharem para fora do processo de exclusão com independência, tendo como suporte seus próprios conhecimentos e vontade de crescer. Nessa perspectiva, entendemos como fundamental, aplicar nessa pesquisa, os fundamentos teórico-conceituais da CI como prática social, tendo como objetivo desenvolver competências em tecnologias intelectuais e digitais de informação para inclusão social e promoção da cidadania nos moradores da CSC.

No contexto dessa pesquisa, haverá um processo de humanização, de conscientização do poder de transformação que há dentro de cada um, por meio de uma ação de interferência do mediador, e é justamente isso que a mediação da informação promove como afirma Almeida Júnior (2008), uma ação que se contrapõe à ideia de isolamento e passividade. Percebemos que a mediação da informação representa uma oportunidade de atuar junto a comunidades populares urbanas, para ampliar as possibilidades de ação dos sujeitos dessas comunidades no mundo, de modo a serem reconhecidos e se reconhecerem, como uma forma de motivar cada morador a lutar por melhorias para si e para a coletividade, construindo um mundo melhor no presente e para a posteridade.

Toda ação de informação será realizada a partir de capacitações promovidas com e para os moradores da CSC, onde teremos como parceiro o Laboratório de Tecnologias

Intelectuais – L*Ti*⁵ do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (DCI/UFPB), que segundo Freire (2013) é conduzido por um projeto de pesquisa-ação que tem como objetivo promover ações de mediação da informação na *web*. A atuação do L*Ti* é relevante para o desenvolvimento desse trabalho informacional no campo de pesquisa, a partir do entendimento do contexto onde se encontram os atores e os cenários desse processo de promoção de ações de informação, caracterizadas como práticas sociais e mediacionais, a serem implantadas na práxis junto com os moradores, o que nos leva a refletir que a CI está imersa em um paradigma social.

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A hipótese suscitada por Perrotti e Pieruccini (2007, p. 64) de que se mediar é intermediar, seria também ação de aproximar seres considerados como dados independentemente desta ação. O que significa dizer que “a natureza, o modo de ser e de funcionar de tais seres não só estão presentes, como atuam efetivamente nos processos de mediação; da mesma forma, atuam a natureza, o modo de ser e de funcionar dos elementos mediadores.” Os autores empregam em seus trabalhos “a mediação cultural como categoria intrínseca aos processos de significação, [...] essencial, condição que leva a considerar os elementos que constituem seus processos não simplesmente como ferramentas, mas como signos, portadores de sentidos”.

A noção de mediação na visão de Almeida (2009, p. 16) está ligada às conexões estabelecidas entre as ações sociais e as motivações (individuais/ coletivas), podendo ser vistas “como sinônimo de processos de interlocução e/ou interação entre os membros de uma comunidade, por meio dos quais os laços de sociabilidade são estabelecidos e alimentados.” Para Marteleto e Andalécio (2006, p. 04), mediação é “uma construção teórica destinada a refletir sobre as práticas e os dispositivos que compõem os arranjos de sentidos e formas comunicacionais e informacionais nas sociedades atuais”, mantendo o elo com a tradição cultural.

De acordo com Gomes (2010, p. 87), os “seres humanos agem em relação à realidade tomando como referência o significado que atribuem a essa realidade, que é construída nas interações sociais e mediações simbólicas”, a exemplo da mediação linguística, que ocupa um lugar central na constituição da experiência humana, porque a linguagem está associada ao viver em comum ou ao conviver, deixando de ser vista como instrumento para se constituir em elemento estruturante das relações humanas. Nesse processo:

[...] emergem as contradições, que só podem ser elaboradas no debate, na dialogia, enfim, no processo dialético. Logo, os procedimentos sociais transcorrem em contextos de tensões e contradições, considerando-se a natureza dialógica, incompleta, aberta e heterogênea da vida social. Pode-se dizer que a consciência é, ao mesmo tempo, resultado dos processos cognitivo e social, que se desenvolvem na comunicação. A experiência

⁵ O L*Ti*, nosso parceiro no projeto, é um espaço de pesquisa - ensino - extensão, com vistas ao desenvolvimento de ações que facilitem o acesso livre à informação científica e tecnológica, de modo a promover reflexões e propiciar competências em tecnologias intelectuais de produção, comunicação e uso dessa informação. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/liti/>>

humana se dá graças às práticas comunicativas e simbólicas que constituem o locus da mediação. (GOMES, 2010, p. 88).

Dessa forma, corroboramos com a autora ao esclarecer que a mediação relaciona-se com a comunicação caracterizando-se como um “[...] processo de intersubjetividades, resultante da negociação e da disputa de sentidos, que permite aos sujeitos ultrapassar e interpenetrar esses sentidos e gerar novas significações. A mediação se opõe ao imediatismo, porque demanda o jogo dialético, sem o qual inexistente.” (GOMES, 2010, p. 89). Para que esse jogo dialético possa existir no campo de pesquisa, visualizamos a necessidade da construção e aplicação de um modelo de mediação da informação objetivando a inclusão social da Comunidade Santa Clara na sociedade da informação, por meio do desenvolvimento de competências em informação nos moradores dessa localidade. Nesse processo, é preciso planejar, implantar o modelo na CSC, observar a realidade a partir da utilização deste, avaliar os resultados das ações a partir do acionamento do modelo, para então melhorá-lo para que ele possa oferecer subsídios teórico-metodológicos, que propiciem colocar em prática trabalhos, projetos e capacitações para os moradores da Comunidade, visando que esses se apropriem das informações mediadas e possam desenvolver competências necessárias para saírem da margem e caminharem para o centro, onde as políticas públicas acontecem e permitem que o sujeito passe a pensar e atuar como cidadão.

3 MODELO DE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Entendemos como necessário construir um modelo de mediação da informação, em conjunto com todos os envolvidos nesse processo de inclusão da CSC na sociedade da informação, ouvindo as expectativas e as demandas dos sujeitos da pesquisa. Os modelos, de acordo com Dodebei (2002, p. 19), permitem vislumbrar as características essenciais de um domínio ou campo de estudo, por derivarem da “necessidade humana de entender a realidade, aparentemente complexa e são, portanto, representações simplificadas e inteligíveis do mundo.” Mesmo em se tratando de representações simplificadas, a criatividade sensorial e intelectual é necessária na construção de modelos, pois “algumas características da realidade, que não se referem diretamente aos objetos buscados, são desprezadas ou abandonadas, em função da maior inteligibilidade ou facilidade de compreensão.”

Para Dodebei (2002, p. 20), não há sentido substituir a realidade (aparentemente complexa) por modelos ainda mais complexos, já que eles são, sempre, “aproximações seletivas que, eliminando aspectos acidentais, permitem o aparecimento dos aspectos fundamentais, relevantes ou interessantes, do mundo real, sob alguma forma generalizada.” A autora ainda cita algumas características dos modelos:

- a) são “estruturados”, isto é, os aspectos selecionados da realidade são explorados em termos de suas relações com outros modelos e aspectos dessa realidade;
- b) tem natureza “sugestiva” (a visão global de um modelo) que permite ao conhecimento um avanço mais significativo do que aquele que se poderia obter pela análise de apenas uma das partes;

- c) são simples, acurados, estruturados, sugestivos, representando analogias ao mundo real, que podem ser reaplicadas a novos conjuntos de observações e, nesse sentido, são necessários por constituírem uma ponte entre os níveis da observação e do teórico;
- d) são “construções” da mente humana, que têm função psicológica, aquisitiva, organizacional, normativa, sistemática, construtiva e de parentesco, o que permite a comunicação de ideias científicas, na medida em que muitos modelos se aplicam a mais de um conjunto de observações, de mais de uma área de conhecimento. (DODEBEI, 2002, p. 20).

Todas essas particularidades demonstram que um modelo pode ser útil para diversas aplicações, como explica Dodebei (2002, p. 21), “em circunstâncias distintas e sobre dados diferentes, que apresenta, ao mesmo tempo, um amplo poder explanatório, pode ser definido como um *paradigma*”. Dessa forma, a autora esclarece que “os paradigmas podem ser entendidos como supermodelos, dentro dos quais os modelos são colocados em escala mais reduzida.” Na nossa pesquisa, o modelo que começamos a desenhar seria um paradigma de natureza social, que busca estabelecer relações entre as teorias e os dados empíricos.

Nessa perspectiva, Bunge (1974, p. 09), ressalta que “as teorias por si só nada valem no contexto científico, pois sendo abstrações produzidas por nossa razão e intuição não se aplicariam a priori às coisas reais.” Mas por outro lado, como alerta o autor, “os dados empíricos apesar de mais próximos da realidade, não podem ser inseridos em sistemas lógicos e gerar conhecimento. Desta aparente dicotomia entre teórico e empírico, é introduzida a modelização como instância mediadora.” Por isso, é preciso ter em mente que a aquisição de modelos não é atividade puramente racional ou mecânica.

Nesse sentido, Bunge (1974, p. 22) diz que a modelização é uma atividade criadora, mesmo estando “vinculada aos aspectos empíricos dos fenômenos enfocados, trazidos pela observação e pelos resultados de experiências.” Corroborando com Bunge, Pietrocola (1999, p. 225), elucida que na concepção bungeana, os modelos “construídos pela ciência são os intermediários entre a teorização generalizante e ideal contida nos domínios mais abstratos do conhecimento científico, e o empírico específico e concreto presente em toda experiência sensitiva.” Assim sendo, a “modelização seria o verdadeiro motor da atividade científica, por canalizar estas duas instâncias do humano (PIETROCOLA, 1999, p. 225 citado por BUNGE, 1974, p.25).”

Na visão de Sayão (2001, p. 86) um modelo seria uma representação de um recorte da realidade, com uma função utilitária e por meio do seu modo de expressão, sua estrutura e suas igualdades e desigualdades em relação ao seu original, tenta comunicar algo sobre o real, ou seja, é “uma representação de um ser humano enquanto usuário e/ou parte de um sistema de informação e das suas relações de aquisição, organização, apropriação e manipulação da informação”. Para Davallon (2003, p. 54), “o que o modelo da mediação faz aparecer, é menos os elementos (a informação, os sujeitos sociais, a relação, etc.) e mais a articulação desses elementos num dispositivo singular (o texto, a mídia, a cultura)”.

Parafraseando Bunge (1974), já que da aparente dicotomia entre teórico e empírico, se introduz a modelização como instância mediadora, compreendemos que dessa modelização

pode surgir um modelo de mediação da informação, uma aplicação prática das teorias aqui explanadas e que nos cercam de elementos para a interação no campo de pesquisa, com os sujeitos e com as ações de informação que visamos promover. Entendemos ainda que, o campo de pesquisa condicionará a ocorrência de certas necessidades, propiciando a construção de um modelo preliminar a ser testado junto aos sujeitos da pesquisa, voltando a ser reestruturado de acordo com as necessidades apontadas pela CSC.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O método a ser utilizado envolve a participação, esse elemento determinante, de acordo com Brandão (1983, p. 12), de “um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer, porque se quer agir.”

A pesquisa participante foi escolhida como método, pois sua potencialidade está, de acordo com Fals Borda (1983, p. 60), no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. “Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo.” Para Le Boterf (1984, p. 52), a pesquisa participante procura “auxiliar a população envolvida a identificar por si mesma os seus problemas, a realizar a análise crítica destes e a buscar as soluções adequadas.” Dessa forma, a seleção dos problemas a serem estudados não surge apenas da decisão dos pesquisadores, mas sim da população envolvida.

O objetivo da pesquisa participante é estar a serviço dos grupos ou categorias sociais mais desprovidas e exploradas, buscando desencadear “ações suscetíveis de melhorar as suas condições de vida”, além de “desenvolver a capacidade de análise e resolução dos problemas que enfrentam ou convivem cotidianamente.” (LE BOTERF, 1984, p. 72). Desse modo, segundo Gianotten e Wit (1984, p. 158), a pesquisa participante sempre está a procura de uma resposta coerente para permitir a socialização do conhecimento e democratização dos processos de investigação e educação. Os autores lembram que a pesquisa participante é:

[...] um conjunto de procedimentos operacionais e de técnicas que podem ser implementadas no interior de diferentes corpos teóricos e ideológicos; entretanto, suas características específicas fazem dela uma ferramenta necessária para todos aqueles programas que buscam a participação de setores populares na produção de novos conhecimentos (científicos) e em uma prática orientada a uma ação transformadora da sociedade. (GIANOTTEN; WIT, 1984, p. 159).

Essa definição de Gianotten e Wit, principalmente ao interpretarem a pesquisa participante como uma ferramenta potencial e orientada que visa produzir ações transformadoras na sociedade, deixa-nos mais seguros da escolha desse método para nossa pesquisa, principalmente ao entendermos que não há um modelo único de pesquisa participante, pois “trata-se, na verdade, de adaptar em cada caso, o processo às condições particulares de cada situação concreta (os recursos, as limitações, o contexto sociopolítico, os objetivos perseguidos, etc)” (LE BOTERF, 1984, p. 52).

Nessa mesma linha de pensamento, Brandão (1984, p. 252) diz que não existem “modelos únicos e não há usos normativos de tipos de pesquisa participante, ela é um instrumento dentro da *ação popular*.” O mediador deve estar atento às decisões ou necessidades comunitárias, colocando “a serviço da prática política popular *na* comunidade, instrumentos do seu saber e de sua profissão”.

Assim, nossa investigação ocorrerá com auxílio da observação participante visando acompanhar a realidade no campo de pesquisa, fazendo uso do diário de campo. Ao coletar os dados, registrá-los coletivamente, discuti-los e contextualizá-los, caminharemos, segundo Franco (2005, p. 499), para a construção de saberes e para seu compartilhamento, num processo único, dialético, transformador dos participantes e das condições existenciais. “Um processo que deve produzir transformações de sentido, ressignificações ao que fazemos ou pensamos”.

Para coletar os dados no campo de pesquisa faremos uso do diário de campo, roteiros de entrevista para cada capacitação e formulário de prospecção. Esses instrumentos de pesquisa serão utilizados antes, durante e após três capacitações (acesso e uso da informação em ambiente virtual; direitos e deveres do cidadão; e preparatório para entrevista de trabalho) a serem promovidas para e com os moradores da CSC, objetivando analisar quais competências foram desenvolvidas e como se encontrava seu estado cognitivo, suas expectativas em relação ao aprendizado antes de participarem de cada capacitação, que se constituem como ações de informação e elementos do modelo de mediação.

É preciso ressaltar, que os participantes das capacitações se tornarão disseminadores das possíveis competências em informação adquiridas e direcionadas para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e tecnológicas, por isso, nesse momento o curso será aplicado, sobretudo, para as pessoas mais ativas da comunidade, principalmente, os componentes da associação de moradores.

O conteúdo das oficinas para competências em informação foi escolhido a partir da necessidade da própria CSC, expressa a partir de reuniões com a Associação de Moradores. Nesse contexto, consideramos as características da localidade, da cultura e da lógica do pensamento dos moradores para que o aprendizado ocorra de forma intensa e valorizada por parte do grupo.

Para isso, os métodos, técnicas e instrumentos a serem utilizados durante a capacitação devem ser atrativos e motivadores evitando assim a falta de interesse dos participantes. Pois, como afirma Sirvent (1984, p. 62), é preciso estimular as pessoas a compartilhar suas experiências, opiniões e sentimentos, a fim de “permitir ao mediador o conhecimento e compreensão da realidade na qual pretende operar; e por último é necessário permitir a discussão e análise crítica das colocações para evitar agressividade e criar um clima propício ao debate.” Os planos de curso de cada capacitação foram delineados diante dessa perspectiva de atrair e motivar os participantes, e de estimular o aprendizado e de promover competências em informação.

Nessa perspectiva, é preciso entender e levar em conta a cultura, a dinâmica de cada comunidade. Com essas capacitações será preciso identificar a partir dos instrumentos de pesquisa e dos roteiros de entrevista, quais são as habilidades e conhecimentos prévios de cada morador participante. Esses roteiros objetivam avaliar, quais as competências que os

participantes detêm antes de cada capacitação. Os dados coletados após as capacitações serão analisados pela técnica de análise de conteúdo com base em Bardin (2009), com a utilização das três categorias relativas a cada capacitação, criadas previamente pensando-se na organização do material a ser coletado. Avaliações de cada capacitação se constituirão em instrumentos para o aferimento das competências desenvolvidas em âmbito social, cognitivo e tecnológico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão social objetivada para os moradores da Comunidade Santa Clara deve estar atrelada a oportunidade de possibilitar formas concretas, reais e legítimas de apropriação da informação, de empoderamento cultural e social. Por isso, essa inclusão deve seguir o caminho oposto ao que Demo (2005, p. 36) critica como sendo as práticas de inclusão social, que não são aceitas em sua plenitude e que “facilmente aceitamos como inclusão social, a inclusão na margem. Os pobres estão dentro, mas dentro lá na margem, quase caindo fora do sistema”.

Um sistema que só permite que se ‘entre’ nele os que aceitam suas regras. Por isso, o que visualizamos com essa pesquisa é a inclusão social conceituada por Moreira (2006) como a ação de proporcionar para populações que são social e economicamente excluídas – no sentido de terem acesso muito reduzido aos bens e terem recursos econômicos muito abaixo da média dos outros cidadãos – oportunidades e condições de serem incorporadas à parcela da sociedade que pode usufruir esses bens. Um dos aspectos da inclusão social é possibilitar a oportunidade de adquirir condições de entender o seu entorno, assumir sua identidade, de ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho e de atuar politicamente com conhecimento de causa.

Dessa forma, consideramos ainda que é necessário propagar a ideia de que: quem é privado, por questões econômicas, sociais ou culturais, de ter acesso ao conhecimento, não pode se inibir e pensar que, em razão disso, deve se manter ‘fora’ da sociedade da informação. Ao contrário, quem se encontra nessa situação precisa refletir sobre sua condição e sobre o conhecimento empírico que detém, e ter consciência de que pode se desenvolver cognitivamente.

Esperamos que os sujeitos da pesquisa possam iniciar um movimento de socialização, de busca da consciência crítica, do entendimento da sua realidade social, de valorização do seu poder de estar na sociedade e dela participar. Por isso, consideramos como fundamental o trabalho em torno da mediação promovida pelo profissional da informação, incentivando a transmissão de cultura, crenças, valores e conhecimento de um determinado grupo, de uma determinada comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. de. A produção social do conhecimento na sociedade da informação. **Informação & Sociedade: estudos**, v. 19, n. 1, p. 11-18, 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão da Informação e do Conhecimento**. São Paulo: Editora Polis, 2008, v. 1, p. 41-54.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero reto e Augusto Pinheiro. Edição e revista atualizada. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-Participar. In: _____. (Org.). **Pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 09-17.

_____. Participar-pesquisar. In: _____. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 07-14.

BUNGE, M. **Teoria e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.

DALLA ZEN, Ana Maria. A Crise de paradigmas e a ressignificação do conhecimento para o século XXI. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 49 - 63, jul./dez. 2010.

DAVALLON, Jean. La médiation ou la communication en procès?. **Médiation & Information (MEI)**, Paris: L'Harmattan, n.19, p.39-59, 2003.

DEMO, Pedro. Inclusão digital – cada vez mais no centro da inclusão social. **Inclusão Social**. Brasília: IBICT, n. 1, p. 36-38, 2005.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Rio de Janeiro: Editora Interciência, Niterói: Intertexto, 2002.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 42-62.

FARIAS, M.G.G. Análise da implementação de um modelo dinâmico de mediação da informação para inclusão de comunidades na sociedade da informação. 2013. 115 f. Projeto-Tese - (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2013. (Projeto aprovado em exame de qualificação pelo PPGCI/UFBA, 2013).

FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Ação de mediação para inclusão social de comunidades. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 76– 95, jan./ jun. 2011.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.3, p. 483-502, set./dez., 2005.

FREIRE, Isa M. Sobre o regime de informação no Laboratório de Tecnologias Intelectuais - LTi. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 4, p. 70-86, 2013.

GIANOTTEN, Vera; WIT, Ton de. Pesquisa participante em um contexto de economia camponesa. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 158-188.

GOMES, H. F. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.3, n.1, p.85-99, jan./dez. 2010.

LE BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 51-81.

MARTELETO, R. M.; ANDALÉCIO, A. M. L. Jovens e violência: construção de informações nos processos de mediação e apropriação do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais ...** São Paulo: UNESP, 2005. Disponível em: <http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewabstract.php?id=301>. Acesso em: 27 set. 2012.

MOREIRA, I. C. de. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Revista Inclusão Social**. Brasília: IBICT, v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/29/50>. Acesso em 01 julho 2012.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G. de; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

PIETROCOLA, Maurício. Construção e realidade: o realismo científico de Mário Bunge e o ensino de ciência através de modelos. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 4, n. 3, p. 213-227, 1999.

SAYÃO, L. F. Modelos teóricos em ciência da informação: abstração e método científico. **Ciência da informação**, Brasília, DF, v.30, n.1, p.82-91, jan./abr. 2001.